

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A *GEOGRAFIA*, DE ESTRABÃO

*Bruno dos Santos Silva*¹

RESUMO: Este artigo visa a oferecer um sumário de tudo quanto se produziu a respeito de um dos mais completos documentos escritos que a Antiguidade nos legou, a *Geografia*, de Estrabão. O objetivo é apresentar determinadas informações importantes sobre esta fonte, tais como história dos manuscritos, edições existentes e traduções disponíveis. Além disso, apresentarei alguns dos estudos que pesquisadores de várias nacionalidades têm realizado, especialmente no Brasil. Para finalizar, apontarei de forma sucinta a proposta de trabalho que deverá resultar em minha Dissertação de Mestrado, a qual envolve Estrabão e sua relação com a península Ibérica.

PALAVRAS-CHAVE: Estrabão, Geografia, Península Ibérica, Roma, Historiografia.

ABSTRACT: This article aims to provide a summary of all that is written about one of the most complete written documents that had come to us, Strabo's Geography. The goal is tried to present certain important information about this source, such as the manuscript's history and editions and translations available. Furthermore I will present some of the studies that researchers from various nationalities have done, including Brazil. Finishing, I will indicate briefly my proposal of work that should result in my dissertation, which involves Strabo and his relationship with the Iberian Peninsula.

KEY-WORDS: Strabo, Geography, Iberian Peninsula, Rome, Historiography.

Introdução

Os estudos sobre a Antiguidade² têm ganhado fôlego no meio acadêmico brasileiro nos últimos anos. Mesmo com inúmeros problemas – tais como estruturas universitárias de baixa qualidade, pouco acesso à bibliografia internacional e falta de incentivo à pesquisa nas ciências sociais – a quantidade de pesquisas na área de história antiga tem crescido exponencialmente (Gonçalves, 2000, pp. 1-7). O aumento da produção historiográfica desta área apresenta alguns elementos interessantes, especialmente no que se refere à diversidade de fontes hoje utilizadas.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo; membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (Leir-MA/USP).

² Neste artigo, Antiguidade possui uma delimitação espacial e temporal: Europa, Ásia e África antes do século VII d.C. Não aprofundarei discussões sobre Antiguidade nas Américas, nem acerca de marcos temporais.

Fontes escritas ainda são os principais documentos estudados. As tão importantes fontes materiais, provenientes da também crescente pesquisa sobre arqueologia clássica no Brasil, aparecem como objetos de estudo ainda pouco aproveitados pelos estudos históricos. Temos observado, entretanto, trabalhos riquíssimos em que fontes escritas e arqueológicas são trabalhadas de forma bastante articulada. Exemplo disso é a Dissertação de Mestrado de Fábio Augusto Morales (FFLCH-USP), intitulada *A Democracia Ateniense pelo Averso: A Pólis e a Política nos Discursos de Lísias*, em que o autor trabalha, dentre outros assuntos, questões referentes às polis, tanto nos discursos do meteco Lísias, quanto em pesquisas arqueológicas.

A quantidade de grupos de pesquisa e laboratórios de estudos sobre a Antiguidade que pululam hoje nas universidades brasileiras também é uma prova desse crescimento. No caso do Laboratório de Estudos do Império Romano (Leir), há estudos sobre fontes e temas diversos, tais como Tácito, Nero, baixo império etc. No Leir-USP, a variedade é ainda maior – este é o motivo pelo qual o braço “uspiano” do Leir tem um acréscimo no nome, Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e o Mediterrâneo Antigo (Leir-MA). Os *metecos*, Homero, as *bagaudae*, as termas pompeianas, Alexandria, Estrabão, dentre outros, compõem a gama de temas analisados.

Muitos destes objetos e fontes são total ou parcialmente desconhecidos do meio acadêmico nacional. Um caso específico interessa a este artigo e à minha pesquisa de mestrado: Estrabão e seus escritos.

Mesmo sendo uma das fontes mais bem conservadas da Antiguidade, quase não há trabalhos sobre este autor no Brasil, salvo honrosas e solitárias pesquisas, tais como a dissertação de Fabiana de Mello Zuliani, cujo título é *Passado e Presente em Estrabão. As Estruturas Espaço-temporais da Geografia e suas Relações com o Império Romano*, e textos esporádicos (como o de Mendes, 2003, pp. 305-314). Esses trabalhos são de extrema valia, mas não se caracterizam pelo estudo sistemático da obra, de seu autor e das questões que a partir dela se pode levantar.

Este artigo procurará sumarizar o que, em pesquisa de iniciação científica³, foi apreendido da produção nacional e internacional sobre este geógrafo grego. Para tanto, apresentarei sucintamente o que se sabe a respeito dos manuscritos da *Geografia*: as

³ Cujo título é *Mudanças Culturais na Península Ibérica: A Visão de Estrabão*, sob a orientação do prof. dr. Norberto Luiz Guarinello.

diversas traduções e os problemas delas decorrentes; as discussões historiográficas existentes sobre a relação entre a *Geografia* de Estrabão e o Império Romano; e, finalmente, a visão do geógrafo sobre a península Ibérica. É necessário, todavia, fazer uma breve exposição a respeito do autor, conforme segue.

Quem foi Estrabão?

Todas as informações que se tem sobre Estrabão foram retiradas da própria *Geografia*. Não há menções diretas sobre sua vida, como, por exemplo, o local e a data de seu nascimento. Essas brechas são, nos estudos “estrabonianos”, campos férteis para as principais contendas entre os pesquisadores. Há, no entanto, citações autobiográficas que permitem algumas conjecturas sobre os ancestrais do geógrafo. A construção de um cenário anterior a seu nascimento ajudará a entender e a formular uma biografia a seu respeito.

Estrabão se refere à cidade de Amaseia (hoje Amasya, na Turquia) como “nossa cidade” e, a partir disso, deduz-se que esta seja sua cidade natal⁴. Amaseia fora capital do antigo reino do Ponto, região do norte da península da Anatólia, ao sul do mar Negro. A história de sua família está constantemente atrelada às histórias dos governantes desta região, tanto nos momentos de glória, quanto nos de traição e mudanças.

O ancestral mais antigo ao qual Estrabão se refere fora um dos principais generais do rei Mitríades V (150-121 a.C.), Dorilau, o Tático. Este homem, bisavô materno da mãe de Estrabão, comandara as campanhas de anexação de Cnossos pelo reino do Ponto e obtivera grande prestígio nos círculos dirigentes. Seu filho e seu sobrinho, Lagetas e Dorilau (nome dado em homenagem a ele), também se tornaram figuras muito próximas ao sucessor e filho de Mitríades V, Mitríades VI. O sobrinho de Dorilau, entretanto, auxiliara Pompeu a invadir o Ponto em 66 a.C., entregando uma série de fortalezas aos romanos, em troca de privilégios quando de sua ocupação.

Ainda por parte de mãe, mas agora do lado paterno desta, havia um homem chamado Moafernes, também muito bem conceituado perante Mitríades VI e as autoridades do reino. Este ficaria até o fim ao lado do rei no momento de chegada dos exércitos de Pompeu.

⁴ Estas e outras conjecturas biográficas foram retiradas da tese de doutorado de Sarah Potheary, *Strabo and the Inhabited World*, defendida na universidade de Toronto, Canadá, 1995.

O que gostaria de ressaltar a partir dessas passagens, é que o geógrafo pertencera a uma família ilustre, da aristocracia regional do Ponto e de extrema influência nas instâncias de poder. Tal pertencimento proporcionou-lhe condições para viajar para várias regiões, principalmente para o Mediterrâneo Oriental – o local mais ocidental que visitou fora a Sardenha. Também esteve em Roma por quatro vezes.

Como frisado anteriormente, essas informações foram obtidas a partir da própria *Geografia*, e são quase lugares-comuns para os estudiosos de Estrabão. Porém, é quando se trata de definir marcos cronológicos e espaciais – tais como datas e locais de nascimento e produção/finalização de seus trabalhos – que começam os problemas.

Estrabão e a Historiografia

Se não há um debate historiográfico declarado, ao menos várias divergências permeiam os escritos sobre este autor. Há um consenso geral sobre sua predisposição ao estoicismo – ele próprio se declara estóico (livro 7, capítulo 3, parte 4) – entretanto, quando se trata de suas opiniões e visões de mundo, as interpretações de sua obra tomam rumos distintos.

Começando pelo nascimento de Estrabão. Autores revisionistas, como a canadense Sarah Pothecary (2002, pp. 387-438) e a americana Katherine Clarke (1997), propõem um recuo de 63 a.C. para cerca de 50 a. C – fato que tornaria possível estender a morte de Estrabão para o final da década de 20 d.C. Autores consagrados, como Claude Nicolet (1988), François Lassere (1983, pp. 867-896) e Benedict Niese (1883, pp. 567-602) fixam como datas prováveis os anos de 64-63 a.C. Essas últimas foram inferidas a partir da interpretação de expressões utilizadas pelo próprio autor ao longo dos livros: “no meu tempo” (καθ’ ἡμέρας) ou “pouco antes do meu tempo de vida” (ὀκροντιπο ἡμέων). É exatamente na releitura e na análise de toda a *Geografia* que aquelas primeiras autoras sustentam suas teses de recuo. Ao reinterpretarem essas expressões, isto é, ao afirmarem que elas não se referem ao período de vida dele próprio, e sim de todos aqueles que agora vivem sob a égide de Roma – e das transformações que seu exército vem provocando (Pothecary, 1997, pp. 235-246) – Sarah Pothery e Katherine Clarke puderam recuar a data de nascimento de Estrabão para a década de 50 a. C, colocando-o como espectador privilegiado da passagem da República para o Império. Com essa proposta, nosso geógrafo é alçado ao posto de excepcional observador do governo dos dois primeiros imperadores, podendo-se assim defender a extensão da data da morte e da revisão da *Geografia*.

Essas discussões são de extrema valia, pois as problemáticas daí decorrentes terão suas explicações pautadas no contexto de produção da *Geografia*. Apresentam, todavia, muito mais profundidade e complexidade do que da forma aqui apresentada, sintética em função do pouco espaço. Outro exemplo de contenda é a questão do(s) destinatário(s) da obra.

Claude Nicolet, em seu *L'Inventaire du Monde*, apresenta um Estrabão propagandista e apologético de Augusto; para ele, a *Geografia* seria antes um panfleto a favor de Augusto do que um tratado político. François Lassere, por sua vez, observa em Estrabão um escritor ambíguo do ponto de vista político, pois percebe certa hesitação no sentimento pró-romano de Estrabão. Para ele, o geógrafo de Amaseia vê com bons olhos a expansão territorial do Império, mas também sente certo desconforto diante da suspensão de algumas liberdades no mundo helênico (*apud* Zuliani, 1999, pp. 20-30). Já para as pesquisadoras da América do Norte, poder recuar o nascimento e a morte de Estrabão significa, como já dito, colocá-lo como testemunha da passagem, em Roma, da República para Império, sem contar a primeira troca de imperadores.

Finalmente, gostaria de destacar a análise realizada por Fabiana Zuliani. Sem se preocupar com datas de nascimento ou publicação, a autora demonstra que uma análise estrutural da obra pode apresentar quadros interessantes. Ao tentar entender como o autor pensa o “espaço” e o “tempo” ao longo da *Geografia*, Zuliani percebe que há duas noções de espaço e de tempo que se complementam. Para ela, o geógrafo de Amaseia vê dois grandes espaços no Império romano: um que corresponde às regiões da península Itálica e da Grécia; e outro que abarca todas as regiões conquistadas pelos romanos. Ao descrever cada uma delas, Estrabão estaria lançando mão de uma noção de tempo diferente. Ou seja, ao tratar do primeiro espaço proposto (Itália e Grécia), o autor preocupar-se-ia com o passado, pois destaca os grandes feitos e realizações, assim como não descreve as mudanças contemporâneas. Entretanto, ao dirigir seu olhar para as demais regiões, Estrabão teria a clara intenção de apresentar as mudanças e transformações benéficas que os romanos, ao dominarem grande parte da *oikumene*, trouxeram para as populações dessas áreas (Zuliani, 1999)

A Geografia

Além da *Geografia*, sabe-se que Estrabão também escreveu uma obra chamada *Comentários Históricos*. Desta, infelizmente, possuímos pouquíssimos fragmentos –

que não possibilitam nenhuma análise mais aprofundada – e algumas menções na própria *Geografia* e em outros autores.

Ora, as mesmas causalidades históricas que não nos permitiram ler os comentários históricos de Estrabão, nos concederam – quase que de forma compensatória – a *Geografia* por inteiro. Ou quase por inteiro.

O conjunto de escritos mais famosos do geógrafo é composto de relatos, descrições e reflexões preciosas, contendo aspectos físicos, econômicos, humanos, crítica de fontes etc. A *Geografia* Estrabão possui dezessete livros, todos conservados por inteiro (do livro VII possuímos apenas fragmentos). Os livros I e II tratam de temas gerais, uma espécie de introdução, com discussões de conceitos geográficos e confronto de fontes. Os demais se referem, cada um, a uma ou mais regiões da *oikoumene*, começando na Ibéria e terminando no Egito, Etiópia e Líbia (livro XVII).

Há vários manuscritos da *Geografia* de diferentes épocas e origens espalhados pelo mundo. Os principais estão reunidos em dois epítomes: o *Vaticanus Graecus* 482, que possui manuscritos que podem ser datados do século XIV; e o *Palatinus Graecus* 392, em que o mais antigo documento é datado paleograficamente do século IX. É interessante notar ainda a existência de outros dois manuscritos de antiguidade considerável: “o Palimpsesto”, descoberto no século XIX, sob outras duas camadas de escritos posteriores datado do século V; o mais antigo manuscrito do qual se tem conhecimento é, na verdade, um papiro do século II d.C. (P. Oxy 3447), que contém partes do livro IX. Não há um único exemplar que abarque a obra inteira, sem interrupções ou quebra da sequência da narrativa. Todavia, todos esses fragmentos, analisados e estudados à exaustão, puderam ser unidos, completando uns aos outros, fornecendo respostas para as lacunas, formando assim um conjunto de documentos que nos dão um entendimento total da *Geografia*.

Os primeiros estudiosos a lançarem edições da *Geografia* após a descoberta do Palimpsesto foram Krames (1844-1852) e Meineke (1852-1953), sendo o primeiro o responsável pelo estabelecimento das edições mais utilizadas atualmente: em livros, capítulos e seções. Niese, Aly e Sbordne também publicaram edições importantíssimas na primeira metade do século XX. Autores modernos, por sua vez, tais como Budé, Aujac e Baladie, têm procurado reeditar a obra (Pothecary, 1995).

Há três grandes traduções da *Geografia*: a mais difundida, em inglês, de H. L. Jones, foi publicada pela Loeb Classical Library (1912-1932); uma raramente encontrada, de Hamilton e Falconer (1903-1906), a primeira tradução completa da obra

para o inglês; e finalmente, a tradução francesa da *Belles Lettres*, de François Lasserre (1966). Em português não conheço traduções disponíveis. Em espanhol há outras duas: a recente publicação pertencente à coleção da Biblioteca Clásica Gredos, de autoria de Maria José Meana Cubero e Félix Piñero (1992); assim como uma tradução exclusiva do Livro III, de García y Bellido, intitulada *España y los españoles hace dos mil años según la geografía de Strabon*, composta por tradução seguida de comentários.⁵ Esta última, no entanto, parece bastante imprecisa, pois, sempre que possível, o tradutor procurava utilizar palavras e expressões que enaltecem determinadas características das populações locais, algumas vezes dando a impressão de que seria Estrabão quem as exaltava.

Estrabão, Roma e a Ibéria

Após apresentar o que se pôde recolher de informações sobre os estudos acerca de Estrabão e sua *Geografía*, gostaria de tecer alguns comentários particulares.

Aceitando a hipótese de que a obra tenha sido escrita nos primeiros anos dos governos dos imperadores Augusto e Tibério, optei pela análise do período que corresponde à chegada dos romanos à península Ibérica – 218 a. C, com Cneu Cornélio Cipião liderando um exército em consequência da Segunda Guerra Púnica –, até os primeiros anos do Império, cerca de 1 a.C. e 1 d.C. Em outras palavras, meu recorte cronológico começa em meados da deflagração do processo de integração – entender seus motivos e suas consequências – desta região da *orbis* ao poderio romano, e termina com o início da fase de consolidação da expansão romana.

Delimitado o tempo, falemos um pouco do espaço. Escolhi como objeto a Ibéria, região hoje conhecida como Península Ibérica. Este local possui uma especificidade em relação às demais regiões que foram sendo incorporadas ao Império Romano ao longo dos anos. O próprio Estrabão chama atenção para este fato: “*os romanos submeteram os gauleses muito mais rapidamente que os Ibéricos, com os quais começaram a combater antes e terminaram depois, enquanto os primeiros foram derrotados em metade do tempo*” (apud: ZULIANI, 1999, p. 106). O que sempre me intrigou foi pensar neste longo tempo que, em comparação com outras localidades, Roma esperou para considerar a Ibéria como “pacificada”. Por quê? Como se deu este contato prolongado? Todos os povos obedeceram à fórmula que Estrabão acaba de nos

⁵ Para comentários sobre outras traduções, consultar o artigo “Editions of Strabo’s *Geography*”, no site <http://web.archive.org/web/20070313201041/http://members.aol.com/spothecary/editions.html>.

apresentar, isto é, houve somente resistência por parte dos locais? Não houve nenhuma outra forma de contato, como, por exemplo, a aliança dos generais romanos com líderes de comunidades locais?

Com essas e outras indagações em mente, procurei uma fonte que me parecia, e ainda parece, interessante para pensar tais questões. O livro III da *Geografia* de Estrabão é a parte da obra deste grego de Amaseia que pretende descrever a Ibéria.

A historiografia acerca da chegada dos romanos à Ibéria é, em sua maioria, de origem espanhola e portuguesa. É uma parcela considerável desses autores – destaco o espanhol José Maria Blázquez e o português Jorge de Alarcão – volta seus olhares exclusivamente para as populações locais pré-romanas, dados seus anseios em buscar origens e ressaltar identidades nacionais contemporâneas. Buscam, também, e muitas vezes de forma inconsistente, ressaltar as características de resistência de algumas populações da região. Por meio de estudos arqueológicos e linguísticos e da leitura de fontes escritas antigas, alguns especialistas propuseram quadros variados de populações convivendo antes, e mesmo depois, da chegada dos romanos.

José Maria Blázquez e Jorge de Alarcão são nomes importantes quando se trata de estudar a presença romana na península Ibérica. O primeiro, em *História de España Antigua*, tem como foco a Espanha, enquanto Alarcão estuda Portugal. Em inúmeros artigos⁶, Blázquez também analisa a Ibéria e tenta encaixá-la dentro da lógica econômica, social e política pensada por ele para o Império romano. Alarcão, por sua vez, e de certa forma, procura fazer o mesmo, privilegiando, todavia, Portugal⁷. Ambas as abordagens estão presas às propostas daquelas pesquisas, que usam indiscriminadamente o conceito de romanização, ou seja, não criticam elementos-chave para que se possa pensar além da simples assimilação do poder, da economia, da política e da cultura romana pelas populações locais; detêm-se em grandes quadros teóricos fechados, quase nunca abrindo espaços para elementos novos que possam mudar as estruturas preestabelecidas. Esses autores têm claramente grandes qualidades e contribuições para trabalho da natureza que proponho, entretanto, devem ser lidos com um olhar ainda mais crítico em função de suas especificidades.

Outro grande especialista em populações pré-romanas, José Mattoso trata do tema da chegada dos romanos à região atualmente circunscrita ao território português, privilegiando as visões daqueles que já habitavam essa localidade. No livro *História de*

⁶ Alguns exemplos são: Blázquez, 1961, pp. 3 e ss.; Blázquez, 1971; 1962, pp. 71-129 e 1996, pp. 55-80.

⁷ Alarcão, 1974; e capítulos I ao V do vol. I de Alarcão, 1987.

Portugal (Mattoso, 1992) utiliza algumas das descrições de Estrabão para desenvolver suas ideias.

Uma das pesquisadoras mais influentes em minha pesquisa tem sido a francesa Monique Clavel-Lévêque. Ela centra-se numa abordagem filológica da *Geografia* que serviu como modelo teórico para a análise que desenvolvi acerca do livro III. Mais preocupada com o livro IV, que trata da descrição da Gália, a autora propõe um estudo das expressões *πρότερον* (outrora) e *νῦν* (hoje) para compreender a visão de Estrabão sobre essa região. A autora percebe que há uma clara diferença quando da utilização dessas duas expressões, segundo a qual *πρότερον* aparece sempre ligado a termos referentes à barbárie, à desordem; ao mesmo tempo, *νῦν* está associado à chegada dos romanos, da civilidade e da ordem. Monique Clavel-Lévêque propõe que o geógrafo preocupa-se em demonstrar o quão bom o presente é para os povos dominados pelos romanos.

Em minha leitura, segui Clavel-Lévêque na pesquisa semiológica e filológica desses termos, associando-os a uma análise estrutural da obra. O livro III está dividido em cinco capítulos, contendo, *grosso modo*, uma breve introdução e a descrição de quatro regiões da península. Estrabão não se baseia em divisões administrativas oficiais para realizar sua descrição, sendo que sua obra segue o padrão da maioria dos “périplos” de sua época, isto é, os relatos começam no oeste e se dirigem para o leste (CUBERO, 1992, pp. 14). Assim, a primeira região sobre a qual detém seu relato é a Turdetânia (capítulos I e II), que, segundo o próprio autor, seria a região mais “civilizada” (3, II, 15) (do grego *politikon*), e que conta com maior presença romana; localiza-se a sudoeste da península, e a ela dedica mais páginas e atenção. Em seguida temos a Lusitânia (capítulo III), que abarca as terras das margens do Tejo até o litoral norte da península, sendo que o limite a leste não é claro, mas encontra-se próximo ao começo da meseta central espanhola. Continuando o relato, o geógrafo apresenta o resto da península continental (capítulo IV), o que, grosseiramente, poderíamos chamar de Ibéria pois, apesar da predominância de iberos na região, nem mesmo Estrabão é contundente ao afirmar que nessa localidade só se encontram iberos. O último capítulo (V) é dedicado às ilhas que circundam a península.

Com essa metodologia, inferi a existência de um padrão na construção dos dois livros. Em ambos os casos, Estrabão confronta termos e os hierarquiza, vendo com bons olhos os ligados ao presente romano em detrimento dos que ilustram as regiões da Ibéria antes da chegada de Roma. Entretanto, para além da simples oposição decorrente

dessa análise, isto é, entre “civilizados” e “bárbaros”, o autor da *Geografia* lembra que há uma variedade enorme de populações convivendo há tempos na península. Dessa constatação derivam outras questões, a saber: como explicar a proposta heterogeneidade desses “bárbaros”? Por que Estrabão se preocupa em detalhá-los? Quais as implicações dessa variedade de olhares para algo que ele próprio incluía em uma mesma categoria (“bárbaros”)?

No intuito de responder a essas questões, deti-me a Lusitânia. Nela são apresentados nominalmente alguns povos, mas nem todos são descritos, assim como em outras localidades. Estrabão preocupa-se em detalhar, na localidade em questão, o povo que, segundo suas fontes⁸, por mais tempo lutou contra os romanos: os lusitanos. Estes, por sua importância, dão nome à região. Suas principais características – dormir no chão, usar cabelos longos, não beberem vinho, usarem vestimentas cotidianas e de guerra, consumirem determinados tipos de alimentos e possuir grande capacidade bélica – acabam se tornando símbolos da Lusitânia.

Estrabão fará o mesmo com os celtiberos, iberos e turdetanos, dentre outros. Temos, portanto, que o autor da *Geografia*, para além da dicotomia civilização *versus* barbárie, opta por detalhar estes últimos. Subdividindo-os em grupos cuja caracterização é atribuída por ele próprio, a partir da leitura das fontes com as quais teve contato, Estrabão tem como finalidade pontuar essas identidades, pois somente seu detalhamento seria capaz de individualizá-los dentro de um todo maior. Assim, é no processo de nomeação e criação desses grupos identitários que nascem as especificidades das regiões que ele descreve. Pode-se dizer, inclusive, que ele diferenciou os vários povos que habitavam as diferentes regiões com o objetivo de melhor descrevê-los.

Tal procedimento contribui para que Estrabão possa explicar, por exemplo, o motivo pelo qual algumas das diversas localidades adotaram mais facilmente os costumes romanos e outras resistiram por mais tempo. Ou seja, uma das principais especificidades das regiões descritas são suas velocidades de assimilação dos costumes romanos e da incorporação delas às áreas sob influência de Roma. Preocupando-se com a diferença entre elas, e não especificamente com a identidade de cada uma, Estrabão pôde estruturar sua obra e melhor compreender essa parte da *oikoumene*.

⁸ Estrabão utiliza os livros I e II de sua *Geografia* para discutir fontes e conceitos, entretanto, ao longo dos outros quinze apresenta querelas mais específicas entre os autores que utiliza. Artemidoro de Éfeso, Políbio e Posidônio, sendo este último sua principal fonte para o livro III, estão entre os mais citados por Estrabão.

Apesar de alguns caminhos começarem a ser trilhados com essa proposta – que deve e será mais bem trabalhada – outras questões têm surgido conforme o aprofundamento da leitura do livro III da *Geografia*. As próximas providências serão, portanto, trabalhar com expressões e conceitos que Estrabão usa pra classificar esses povos, localidades, populações etc. Fazer uma análise crítica e estrutural do uso de $\epsilon\theta\nu\omega\nu$ (traduzido por *nation* na edição bilíngue da Loeb, mas de tradução extremamente complexa) por Estrabão, por exemplo, para a repensar as formas de organização da Ibéria proposta por ele, assim como se e de que maneira a incorporação dessa região ao poderio romano interferiu no processo de constituição do Império.

Considerações Finais

Estrabão e sua *Geografia* têm sido sistematicamente estudados no meio acadêmico internacional. Sua produção é rica e numerosa, mas de difícil acesso. As bibliotecas brasileiras possuem poucas das obras resultantes dessas pesquisas, e o que vem sendo produzido recentemente ainda não chegou por aqui. Entretanto, os meios eletrônicos tornaram-se os principais auxiliares na difícil tarefa de superar esses e outros obstáculos.

Uma das autoras mais citadas neste artigo, e em minha pesquisa, Sarah Pothecary possui um website dedicado aos estudos estrabonianos, com artigos, notícias e referências ligadas a este tema. Algumas das informações que não possuímos nos livros disponíveis podem ser encontradas no endereço <http://sarahpothecary.com/>.

Há também acervos eletrônicos que disponibilizam revistas que contêm artigos sobre Estrabão, tais como o da Biblioteca Miguel de Cervantes⁹, e o do Jstor¹⁰.

Mesmo assim, não possuímos grandes obras que sintetizem os diferentes estudos sobre esta importante fonte. Este artigo não pretende de forma alguma exercer este papel. Mas sim apresentar, brevemente, o que pude, em pouco mais de dois anos de pesquisa, com a ajuda de meu orientador Norberto Luiz Guarinello e dos amigos do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo, reunir sobre Estrabão, e suas relações com a Ibéria e o Império Romano.

⁹ <http://www.cervantesvirtual.com>

¹⁰ <http://www.jstor.org/>

Bibliografia

Fontes

GARCÍA Y BELLIDO, A. *España y los españoles hace dos mil años según la geografía de Strabon*. Buenos Aires, Esapsa-Calpe Argentina, [1945].

JONES, H. L. *The Geography of Strabo, vols. I-VII*. Livros I-XVII. Londres, Harvard University Press and Heinemann, Loeb Classical Library, 1912-1932.

HAMILTON e FALCONER. *The Geography of Strabo, vols. I-II*. Livros I-XVII. Londres, G. Bell, 1903-1906

Obras Gerais

ALARCÃO, Jorge de. "Portugal Romano". Lisboa, Editorial Verbo, 1974.

ALARCÃO, Jorge de. "Portugal: Das Origens à Romanização". Lisboa, Editorial Presença, 1987. (col. Nova História de Portugal)

BLÁZQUEZ, José Maria. "Explotaciones mineras en Hispania durante la República y el Alto Império". Seminário de Historia Económica y Social, II, 1961, pp. 3 e ss.

_____. "Economía de Hispania a finales de la República Romana y comienzos del Império, según Estrabón y Plinio". *Revista de la Universidad de Madrid*, 20, 1971, pp. 57-143

_____. "Estado de la Romanización de Hispania bajo César y Augusto", *Emerita* 30, 1962, pp. 71-129.

_____. "Administración de las minas en época romana. Su evolución". *España Romana*, Madrid, 1996, pp. 55-80.

CLARKE, KATHERINE. "In Search of the Author of Strabo's Geography". *Journal of Roman Studies*, vol. LXXXVII, 1997, pp. 92-110.

CLAVEL-LEVEQUE, MONIQUE. "Les Gaules et les Gaulois : pour une analyse du fonctionnement de la Géographie de Strabon", In: *Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 1. 1973. pp. 75-93.

GONÇALVES, A. T. M. "Desafios da Pesquisa em História Antiga no Brasil". III Encontro da Anpuh-ES, 2001, Vitória. *Anais Eletrônicos do III Encontro da Anpuh-ES*, 2000.

LASSERE, François. "Strabon devant l'Empire Romain". *ANRW*, II, 30, 1, 1983, pp. 867-896.

MATTOSO, J. "Historia de Portugal", Lisboa : Estampa, 1992.

MENDES, N. M. "Estrabão e a enunciação de uma estrutura de atitudes e referências da cultura imperial", IN: *PHOINIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p.305-313.

- NICOLET, Claude. “L’inventaire du monde: géographie et politique aux origines de l’Empire romain”. Paris, Fayard, 1988.
- NIESE, Benedict. “Straboniana”. *Rheinisches Museum für Philologie*, 38. 1883, pp. 567-602.
- POTHECARY, S. “Strabo, the Tiberian Author: Past, Present and Silence in Strabo’s *Geography*”. *Mnemosyne*, Fourth Series, vol. 55, n. 4, (2002), pp. 387-438
- _____. “The Expression ‘Our Times’ in Strabo’s *Geography*”. *Classical Philology*, vol. 92, n. 3, jul. 1997, pp. 235-246.
- _____. “Strabo and the Inhabited World”. Toronto, Canadá, 1995.
- ZULIANI, Fabiana M. “Passado e Presente em Estrabão: As Estruturas Espaço-temporais da Geografia e suas Relações com o Império Romano”. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1999.

